A CONECTIVIDADE DO PRESENTE COM A HISTÓRIA EM FREIRE E FOUCAULT

Jason Mafra [1]

RESUMO

Não é pretensão deste artigo – nem é possível fora de uma tese – tecer análise comparativo-conclusiva ou analogia rigorosa sobre o pensamento de dois autores, sobretudo de nomes marcados por vasta produção, que, em princípio, não se filiam a uma escola ou a corrente específicas. Por isso, não se trata aqui de tentar demonstrar coerências teóricas entre Freire e Foucault, até porque esses autores nunca se preocuparam em atrelar-se a paradigmas científico-filosóficos afins. Dada a complexidade das produções freirianas e foucaultianas, em um trabalho rigoroso, seria possível encontrar muitas e profundas divergências entre elas. Todavia, o caráter complexo e transdisciplinar dessas obras não nos impede que explicitemos delas, ou nelas, elementos comuns entre esses pensadores. O que se propõe neste texto é simplesmente apresentar uma pequena aproximação sobre algumas reflexões de Foucault e de Freire em torno das discussões sobre poder e liberdade, examinando partes de suas produções mais significativas: Microfísica do poder [2] (FOUCAULT, 2003) e Pedagogia do oprimido (PAULO FREIRE, 1987) [3] .

Palavras-chave: Poder, liberdade, Freire, Foucault

[1] Graduado em História Geral pela Unisal, de Lorena. Mestre em História e Historiografia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, coordena a Universitas Paulo Freire (UNIFREIRE) no Instituto Paulo Freire, onde trabalha também como docente e coordenador de projetos.

THE CONNECTIVITY BETWEEN PRESENT AND HISTORY IN FREIRE AND FOUCAULT

Abstract

It is neither a pretension nor is it possible, outside a thesis, to make a comparative-conclusive analysis or a rigorous analogy on the thought of two authors, especially ones marked by a vast production and who, in principle, are not affiliated to a specific school or current. Thus, it is not the aim, here, to try to demonstrate theoretical coherences between Freire and Foucault, especially because these authors did not bother to stick to akin scientific-philosophical paradigms. Given the complexity of Freire's and Foucault's productions, a rigorous work would allow one to find many and deep divergences between them. Nonetheless, the complex and transdisciplinary character of these works does not prevent us to explicitate from them, or in them, some common elements between these thinkers. It is this paper's aim to simply present a small approach of some of Foucault's and Freire's reflections regarding discussions on power and freedom, examining parts of their most significant productions: Microfísica do poder [The microphysics of power] (Foucault, 2003) e Pedagogia do oprimido [Pedagogy of the oppressed] (Freire, 1987).
Keywords: Poser – Freedom – Freire – Foucault.

LA CONECTIVIDAD DEL PRESENTE CON LA HISTORIA EN FREIRE Y FOUCAULT

Resumen

No es pretensión, y no es posible fuera de una tesis, tejer análisis comparativo-conclusivo o analogía rigorosa sobre el pensamiento de dos autores, sobretodo de nombres marcados por vasta producción, que, en principio, no se filian a una escuela o corriente específica. Por eso, no se trata aquí de tentar demonstrar coherencias teóricas entre Freire y Foucault, hasta porque esos autores jamás se han preocupado de atraillarse a paradigmas científico-filosóficos afines. Dada la complexidad de las producciones freirianas y foucaultianas, en un trabajo rigoroso, sería posible encontrar muchas y profundas divergencias entre ellas. Todavía, el carácter complejo y transdisciplinar de esas obras no nos impide que explicitemos a partir de

ellas, o en ellas, elementos comunes entre eses pensadores. Lo que se propone en este texto es simplemente presentar una pequeña aproximación sobre algunas reflexiones de Foucault y Freire, en torno de las discusiones sobre poder y libertad, examinando partes de sus producciones más significativas: Microfísica del poder (Foucault, 2003) y Pedagogía del oprimido (Freire, 1987).
Palabras clave: Poder – Libertad – Freire – Foucault.

Michel Foucault e Paulo Freire: aspectos biobibliográficos

Freire e Foucault são da mesma geração. O primeiro nasceu em 1921; o outro em 1926. O educador brasileiro faleceu em 1997 e o filósofo francês em 1984. Embora em realidades muito distintas – Brasil e França –, tiveram projeção intelectual mundial na mesma época: a década de 1960. Desse período em diante, viajaram o planeta, estabeleceram contatos com muitas culturas e vivenciaram experiências acadêmicas em muitos lugares. Foucault, como intelectual requisitado em várias universidades, inclusive no Brasil, e Freire, dezesseis anos no exílio, percorrendo também as mais afamadas academias como professor, pesquisador e consultor de planos e políticas educacionais.

Reconhecidas as proporções do contexto de cada um, ambos são produtos de uma geração de acadêmicos militantes [4] , distinguindo-se, ambos, por uma produção teórica que, em certo sentido, poderíamos chamar de revolucionária, dado o impacto que seus trabalhos tiveram, principalmente no campo intelectual, mas também político.

O instrumental epistemológico produzido por esses dois pensadores supera os limites dos campos de produção específicos em que se inserem. Por isso, encontramos em variadas áreas do conhecimento, freqüentemente, autores que recorrem aos elementos, categorias, noções, conceitos, etc. foucaultianos e freirianos como subsídios para a construção de seus trabalhos. Podemos afirmar com segurança que seus principais livros, traduzidos para mais de duas dezenas de idiomas – evidentemente, nem sempre realmente lidos –, compõem acervos das principais universidades em quase todos os países.

Realidade não difícil de se verificar, ao considerarmos a facilidade proporcionada hoje pelos recursos eletrônicos disponíveis à pesquisa. Uma rápida consulta à Rede Mundial de Computadores permite constatar a penetração dos trabalhos de Freire e de Foucault em instituições de todo o mundo.

Artigos, dissertações, teses e livros são elaborados nas mais variadas áreas do saber em faculdades, institutos, escolas, cátedras, etc. Nesse sentido, observamos a ocorrência de incontáveis instituições que recebem o nome desses autores, indício de que, em determinada escala, possuem colaboradores que partilham de seus saberes ou reverenciam suas idéias em nível global. O que não significa, evidentemente, que sejam realmente estudados e compreendidos, fato ocorrido freqüentemente com os grandes autores.

Consideramos que há diferenças biobibliográficas irreconciliáveis entre Paulo Freire e Michel Foucault. Isso resulta, entre outras coisas, das especificidades do campo de atuação acadêmica de cada um desses autores. Em princípio, Foucault vem cercado mais pela filosofia e Freire está envolvido mais com a ciência pedagógica.

Na verdade, classificações de grandes autores são, em muitos casos, trabalho difícil. Alguns nomes ganharam rótulos que se tornaram clássicos: Sócrates, o filósofo; Weber, o sociólogo; Heródoto, o historiador; Strauss, o antropólogo; Comenius, o pedagogo, etc. Entretanto, nomes como Freire e Foucault são, ao lado de Marx, de imprecisa classificação.

O caso de Marx é mesmo paradigmático: Marx, o filósofo, o historiador, o sociólogo, o economista, o antropólogo, etc. Também Foucault é, às vezes, mencionado como filósofo e outras como historiador que "empreendeu uma importante análise epistemológica do surgimento das ciências humanas e de seu papel em nossa cultura" (JAPIASSÚ e MARCONDES, 1996, p.111). Em Freire, pode-se ver o educador, pedagogo ou filósofo que construiu um método de ensino, uma teoria educacional e uma teoria do conhecimento (GADOTTI, 1996, p. 82). Contudo, ainda que inseridos em campos específicos do saber, poderíamos dizer, genericamente, que são pensadores.

A menção heterodoxa a Marx e a crítica a muitas análises ditas marxistas, seguramente, são um ponto de confluência desses dois autores. É o que observamos em alguns trechos de seus trabalhos publicados entre o final da década de 1960 e meados de 1970. À época, já afirmava Foucault:

> Marx, para mim, não existe. Quero dizer, esta espécie de entidade que se construiu em torno de um nome próprio, e que se refere às vezes a um certo indivíduo, às vezes à totalidade do que escreveu e às vezes a um imenso processo histórico que deriva dele [...] Fazer Marx funcionar como um 'autor', localizável em um manancial discursivo único e suscetível de uma análise em termos de originalidade ou de coerência interna, é sempre possível. Afinal

> de contas, têm-se o direito de "academizar" Marx. Mas isso é desconhecer a explosão que ele produziu (FOUCAULT, 2003, p. 164).

Já em 1968, quando concluía a Pedagogia do oprimido, Freire alertava para a distinção entre o pensamento radical e o sectário, mostrando o perigo da leitura ortodoxa que muitos faziam do marxismo: "a sectarização é sempre castradora pelo fanatismo de que se nutre. A radicalização, pelo contrário, é sempre criadora, pela criticidade que a alimenta. Enquanto a sectarização é mítica, por isto alienante, a radicalização é crítica, por isso libertadora" (PAULO FREIRE, 1987, p. 25).

Vinte e cinco anos depois, avaliando o contexto em que escrevera a obra que o imortalizou, o educador brasileiro reafirma aquela crítica: "Na verdade, o clima preponderante entre as esquerdas era o do sectarismo que, ao mesmo tempo em que nega a história como possibilidade, gera e proclama uma espécie de 'fatalismo libertador'. O socialismo chega necessariamente" (PAULO FREIRE, 1999, p. 51).

Retomando a tese da radicalidade exposta em Pedagogia do oprimido, explica:

> A Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido é um livro assim, escrito com raiva, com amor, sem o que não há esperança. Uma defesa da tolerância, que não se confunde com a conivência da radicalidade; uma crítica ao sectarismo, uma compreensão da pós-modernidade progressista e uma recusa à conservadora, neoliberal (PAULO FREIRE, 1999, p. 12).

Poder e liberdade

Talvez as maiores diferenças entre Foucault e Freire não se expressem tanto em relação à escolha dos objetos de suas pesquisas como, por exemplo, à concepção de sujeito, categoria trabalhada por ambos, mas a um contexto mais geral, como o conceito de ideologia e de história, este último sobretudo no tangente ao problema da teleologia. Todavia, dificilmente se negaria que ambos elegeram poder e liberdade como objetos centrais em suas obras. Uma leitura rápida nos revela que são questões recorrentes, explícitas ou tacitamente, em todos os trabalhos desses autores, ainda que tratem de muitas outras temáticas.

Na busca incessante da explicitação dos sentidos dessas duas categorias, ambos produzem uma leitura crítica e densa do presente, ao mesmo tempo em que apresentam condições de possibilidades concretas de resistência ao poder e de manifestação da liberdade, mesmo em situações absurdas e extremadas de opressão.

Para Freire, o tema liberdade é constantemente exposto, no título mesmo de seus principais escritos: Educação como prática da liberdade; Ação cultural para a liberdade; Pedagogia do oprimido; Educação libertadora; Pedagogia da autonomia. Em Foucault, encontramos a questão do poder explicitada em livros como Vigiar e punir *e no conjunto de 17 textos de *Microfísica do poder: Verdade e poder, os intelectuais e o poder; Poder-corpo; Genealogia e poder, entre outros.

A leitura de Foucault e de Freire nos permite afirmar que, por olhares diferentes, trabalham, sistematicamente, a tríade liberdade, poder, opressão.

Liberdade* e poder, em certo sentido, podem ser concepções antagônicas e, em outro, complementares: *o poder que suprime a liberdade – mas nunca a resistência – (poder opressor); a liberdade como prática de enfrentamento do poder (poder da liberdade); o poder em sua materialização (liberdade do poder); o empoderamento dos oprimidos (o contrapoder).

Foucault elege o tema do poder para, explicitando as múltiplas formas de sua manifestação, demonstrar os limites e as possibilidades de liberdade:

> Microfísica do poder significa tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que esta se efetua. Dois aspectos intimamente ligados, na medida em que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção de suas formas locais, a seus últimos lineamentos têm como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos. (MACHADO, 2003, p. XII; ênfase própria).

Para Foucault, o poder em seu exercício, mesmo nas instituições totais, nunca é o poder total, absoluto:

> A partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, 2003, p. 241).

Em confluência com a perspectiva foucaultiana, Freire elege a liberdade para analisar o poder. Demonstrando as formas pelas quais a atitude opressora se impregna em opressores e oprimidos, busca revelar a configuração do uso e abuso do poder não apenas em suas estruturas, mas em sua materialização:

> O grande problema está em como poderão os oprimidos que '*hospedam'* o opressor em si participarem da elaboração como seres duplos, inautênticos da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descobrem '*hospedeiros' do opressor* poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora (PAULO FREIRE, 1987, p. 32; ênfase própria).

O poder visto assim não é um espectro. Para ambos, o poder freqüentemente colocado como uma entidade distante é, antes de tudo, relação. É que, na concretude, o poder se manifesta na cotidianidade, isto é, no espaço das relações. Não são as leis, mas as práticas regulamentadoras, disciplinadoras, que dão substância ao poder. Trata-se, portanto, não de uma negação das estruturas objetivas promotoras de poder, mas de uma recuperação da consciência, ou melhor, do olhar na esfera da subjetividade, que é onde, de fato, o poder se materializa.

É nesse sentido que escreve Freire: "Nem objetivismo, nem subjetivismo ou psicologismo, mas subjetividade e objetividade em permanente dialeticidade" (PAULO FREIRE, 1987, p. 37). Paralelamente, Foucault observa que "Ninguém se preocupava com a forma como ele se exercia concretamente e em detalhe, com sua especificidade, suas técnicas e suas táticas. Contentava-se em denunciá-lo no 'outro', no adversário, de uma maneira polêmica e global" (FOUCAULT, 2003, p. 6).

Na orelha do livro Microfísica do poder, Roberto Machado, tradutor e organizador da obra, afirma que o objetivo central do autor em suas pesquisas é "produzir conhecimentos capazes de se insurgirem contra a dominação burguesa que os próprios saberes sobre o homem ajudaram a criar e a aperfeiçoar" (MACHADO, 2003, ênfase própria).

Caso não lêssemos a consistente introdução de Machado, "Por uma genealogia do poder" (VII-XXII), poderíamos dizer que o próprio tradutor não compreendeu Foucault. Por outro lado, é possível entender que o contexto dessa afirmação explique os limites que ela impõe à obra foucaultiana nos dias de hoje. É que, na verdade, a contribuição epistemológica de Foucault e sua intencionalidade vão muito além disso (opor-se

à dominação burguesa). Não se trata de insurgir contra o poder burguês. Não é isso que ele propõe. Essa afirmação, aliás, vai contra o que há de mais caro na concepção foucaultiana.

Não foi pensando em combater a burguesia que Foucault escreveu sua obra. Pensar em um combate à burguesia é o mesmo que pensar no combate ao Estado burguês. Foucault propõe a resistência a toda forma de poder que se dá tanto no Estado burguês quanto no Estado não burguês, como os de experiência socialista, por exemplo.

A caixa de ferramentas foucaultiana nos fornece equipamentos consistentes ao combate a toda forma de poder. Seja ele burguês seja proletário. Foucault insiste sempre no combate a essa visão estruturalista dos aparelhos ideológicos do Estado. Sim, eles existem, estão aí em todo o lugar: escola, mídia, Igreja, instituições públicas, em geral. Contudo, o Estado não tem corpo. Ele tem pessoas e símbolos que não agem a partir de um centro, um locus, mas em múltiplas instâncias e formas concretas das práticas em nossa vida.

Assim, afirma Foucault:

> O Estado não é mais do que uma realidade compósita e uma abstração mistificada, cuja importância é muito menos do que se acredita. O que é importante para nossa modernidade, para nossa atualidade, não é tanto a estatização da sociedade, mas o que chamaria de governamentalização do Estado (FOUCAULT, 2003, p. 292).

O Estado, sob o prisma foucaultiano, produz as instituições disciplinadoras que, por meio do hábito, da educação e da tradição adestram mulheres e homens que incorporam a exploração como dados naturais (corpos dóceis). Instituições que produzem sujeitos "livres" para as necessidades do capital.

A liberdade é a condição de existência do poder. Porém, no contexto da modernidade, a liberdade é a capacidade de mobilidade dentro da sociedade de normalização (da intimidade, da sexualidade, da saúde, da estética, etc.).

Nas interpretações desses autores, revela-se a ácida crítica às simplificações sobre as tradicionais manifestações e à origem do poder. Eles refutam certa interpretação do materialismo histórico que não dá conta da questão da liberdade e do poder.

Para ambos, a questão do poder e da liberdade não se limita ao nível das estruturas e, portanto, a uma concepção mecanicista da história, prove-

niente de uma interpretação do materialismo histórico: as transformações econômicas determinarão as transformações de ordem política, jurídica e ideológica.

Machado diz que Foucault propõe um "exercício de uma arqueologia do saber pelo projeto de uma genealogia do poder", "espelho-método", "sumário topológico e geológico", esforço de mapeamento, recuperando a história densa e de longo alcance do aqui e agora. Em outras palavras, uma ontologia do presente. Para tanto, Foucault, por vezes, abandona as "grandes teorias", tentando escapar dos grandes paradigmas. Assim, dedica-se às fontes marginais para fazer uma analítica do poder (MACHADO, 2003, p. VII).

Procura uma literatura antimaquiavel. Em vez de estudar a lei, estuda o regulamento; busca o inútil, o esquecido, o campo desprezado, o saber desqualificado, aquilo que não foi objeto acadêmico. Não busca o sentido oculto *das coisas, mas os discursos em sua materialidade. Foucault faz uma *microssociologia do conflito.

Correndo os riscos de uma transposição para se pensar alguma identidade entre os dois autores, diríamos que a microssociologia de Foucault é o que Freire chamaria de leitura de mundo do poder. Na perspectiva do educador brasileiro, trata-se de debruçar-se empiricamente sobre o contexto histórico, sociocultural e gnosiológico do educando para, então, conhecendo sua realidade concreta – e não idealizada – construir os saberes conteudísticos e pedagógicos necessários ao ato de educar. A partir da concepção original de uma filosofia da educação, Freire constrói um método de conhecimento e de ensino.

Em linhas gerais, é pertinente dizer que esses autores assumiram uma atitude epistemológica muito semelhante no que se refere, principalmente, às fontes de produção de saber (o poder produz saber). Foucault, enveredando por uma fonte, diríamos, "desprezada", e Freire, recuperando o saber "ignorado".

Assim, trabalhando ambos com fontes marginais, focalizam a dimensão objetiva do sujeito produzindo uma arquegenealogia do sujeito-educando, revelador e protagonista de saberes, os quais, durante muito tempo, estiveram fadados ao limbo acadêmico.

A radicalidade de Freire e Foucault na vigilância do exercício do poder e da liberdade: como não ser governado dessa forma, para esses fins, por esses meios

Até a década de 1980, a agenda emancipatória em grande parte do pensamento da esquerda, em especial da esquerda dos países ditos em

desenvolvimento, ressalvadas as exceções, era clara. Tratava-se de articular a sociedade civil em torno de um projeto de transformação histórica. A crença mecanicista de uma visão que se construiu sobre materialismo histórico desenhava claramente o inimigo (capitalismo), a estratégia para derrotá-lo (revolução), a estrutura nova do poder (ditadura do proletariado) e o estabelecimento da nova ordem (construção do socialismo).

O fatalismo histórico não apenas não se confirmou, visto que os projetos revolucionários, em sua grande maioria, não se consolidaram, mas – muito pior – se desfizeram nos lugares onde se acreditavam solidificados e irreversíveis, retrocedendo conquistas históricas dos trabalhadores. A investida neoliberal e toda a sua malvadez (Freire) construíram outro discurso-verdade (Foucault), fatalista e aporético, sustentado na tese, já fora de moda, do fim da história.

Imersos em uma modernidade cada vez mais líquida e panóptica, perdeu-se a direção e as âncoras ideológicas e estratégico-operacionais, dissolvendo, em grande parte, as tradicionais formas de lutas.

A discursividade foucaultiana, se lida acriticamente, pode induzir à idéia de recusa, de que não há onde se combater, visto que, se o inimigo (poder) está em toda parte, não pode estar em lugar algum. Mas não é isso que ele nos diz. Foucault, como Freire, nos propõe um olhar de estrangeiro, de exilado, de estranhamento e de desnaturalização do real. É por isso que afirma:

> Não tenho de forma alguma intenção de diminuir a importância e a eficácia do poder de Estado. Creio simplesmente que de tanto se insistir em seu papel, e em seu papel exclusivo, corre-se o risco de não se dar conta de todos os mecanismos e efeitos de poder que não passam diretamente pelos aparelhos de Estado, que muitas vezes o sustentam, o reproduzem, elevam sua eficácia ao máximo (FOUCAULT, 2003, p. 161).

Paulo Freire, em seu último livro, escrito em 1996, Pedagogia da autonomia, nos fala dos saberes necessários à prática educativa. Reafirma algumas de suas teses antigas e propõe, com objetividade e exaustão, novas reflexões sobre princípios e práticas concretas de combate ao autoritarismo pedagógico (poder) e em favor da liberdade, que ele expressa ora como substantivo (libertação), ora como adjetivo (liberdade em relação a alguma coisa).

O autor de Pedagogia do oprimido, nesse sentido, propõe uma leitura do mundo por meio de uma ontologia do presente, a exemplo de Foucault. Empenha-se em recuperar a capacidade de sonhar, isto é, de ressignificar o sentido existencial e pragmático da vida. Nessa ressignificação, Freire insiste no diálogo crítico, como condição para a construção do que ele passou a chamar de ética universal do ser humano "que condena o cinismo do discurso (neoliberal) [...] que condena a exploração da força de trabalho do ser humano [...] que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe (PAULO FREIRE, 2000, p. 17). Uma ética que nos provoca a "reconhecer que somos seres condicionados, mas não determinados. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro [...] é problemático e não inexorável" (PAULO FREIRE, 2000, p. 21; ênfase do autor)**

Pensar as questões do poder e da liberdade na construção de uma agenda contemporânea de lutas a partir das contribuições de Foucault e de Freire, em nosso entendimento, exige duas dimensões: em nível ideológico, reorganizar a utopia, sem a qual não se recuperam as elementares e grandes causas, e, em nível simbólico, promover a guerra de guerrilhas, pelos e com todos os oprimidos e oprimidas (analfabetos, negros, índios, sem-teto, sem-terras, homossexuais, favelados, etc.) na restauração da alteridade e dignidade humanas para fazer um planeta com mais justiça, paz e harmonia ecossocial entre os seres vivos e, por que não, os não-vivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GADOTTI, Moacir (org.). Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire/ UNESCO, 1996.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

PAULO FREIRE. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 2000.